

O DECRESCIMENTO COMO SAÍDA DA CRISE

Levi Hülse¹

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma investigação para buscarmos uma saída para a crise econômica que vivemos. Nos últimos anos a sociedade vem passando por diversos ciclos de crise. A crise econômica advém do sistema capitalista que vivemos, onde as pessoas e o Estado se endividam sem ter lastro para sana-las. Vale lembrar que o sistema capitalista está ligado ao conceito crescimento. Neste texto buscamos apresentar uma ideia para mudar esse sistema em que vivemos, através do decrescimento.

PALAVRAS CHAVE: crise, economia, crescimento, decrescimento

ABSTRACT: This article is the result of an investigation into the search for an outlet for an economic crisis that we are experiencing. In recent years a society has gone through several cycles of crisis. The economic crisis comes from the capitalist system that we live where people and the State are indebted without having the ballast to heal them. It is worth remembering that the capitalist system is linked to growth. In this text we seek to present an idea for this system in which we live through decay.

KEY WORDS: Crisis, economic, growth, decay

INTRODUÇÃO

A crise que vivemos nos dias de hoje é oriunda do sistema capitalista. As pessoas e o Estado aumentaram suas dívidas sem terem lastro para quitar suas obrigações. Como contraponto ao sistema capitalista de crescimento buscamos demonstrar um novo caminho que é o decrescimento. O decrescimento é uma alternativa verde que pode fazer com que a terra venha a ser mais sustentável. O objetivo para a elaboração deste artigo foi analisar aspectos destacados acerca do conceito de decrescimento, em prol de um novo modo de sistema econômico. A definição do tema partiu da realização da disciplina Governança e Sustentabilidade ministrada no Curso de Doutorado em Ciência Jurídica da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Para alcançar o resultado pretendido são utilizados o método indutivo² e as técnicas do referente³, das categorias⁴ e dos conceitos

¹ Doutorando em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI – SC.

² O método indutivo é conceituado como aquele que consiste em “pesquisar e identificar as partes de um fenômeno e colecioná-las de modo a ter uma percepção ou conclusão geral”. (PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: Teoria e Prática**. 12 ed. rev. São Paulo: Conceito Editorial, 2011. P. 86).

operacionais⁵ nas fases de investigação, de tratamento dos dados e na elaboração do relatório final.

O CONCEITO DE CRISE GLOBAL

Frequentemente somos bombardeados pela palavra crise, quase sempre ligados à questão econômica, justificando dificuldades financeiras, aumento de preços e escassez de empregos. Crise pode ser compreendida como o momento de regresso de uma doença, em que um importante desenvolvimento ou alteração tem lugar decisivo para a recuperação ou para a morte; momento de virada de uma doença, para melhor ou pior⁶. Já no século XVII a palavra crise começou a ser usada de forma mais genérica:

Um estado vital ou decisivo no progresso de qualquer coisa, virada; um estado de coisas em que uma mudança decisiva para melhor ou para pior é iminente; agora aplicada especificamente a tempos de dificuldade, insegurança e expectativas na política ou no comércio⁷.

Já Bauman descreve que a crise econômica, é uma fase de recessão caracterizada pela falta de investimentos, diminuição da produção, aumento do desemprego⁸. Até a década de 80 a crise era um período “conjuntural”, uma transição dolorosa, mas necessária em vista de alcançar uma nova fase de prosperidade. A crise funcionava com um momento

³ Referente é a explicitação prévia dos motivos, dos objetivos e do “produto desejado, delimitando o alcance temático e de abordagem para uma atividade intelectual, especialmente para uma Pesquisa”. (PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: Teoria e Prática**. P. 61)

⁴ “Categoria é a palavra ou expressão estratégica à elaboração e/ou à expressão de uma ideia”. (PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: Teoria e Prática**. P. 34).

⁵ Conceito Operacional (=Cop) é uma definição para uma palavra e expressão, com o desejo de que tal definição seja aceita para os efeitos das ideias que expomos”. (PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica: Teoria e Prática**. P. 50).

⁶ WILLIAMS, Rosalind. **O apocalipse incessante da história contemporânea**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*. P. 55

⁷ WILLIAMS, Rosalind. **O apocalipse incessante da história contemporânea**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*. P. 55

⁸ BAUMAN, Zygmunt. BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2016. Título original: *Estate of crises*. P. 9.

de ajuste para preparar novas estratégias a fim de recuperar o vigor e a segurança⁹. Mas Baumann assim conceitua a crise deste século:

Mas nos dias atuais a crise se tornou algo permanente. Os países afetados pela crise estão endividados demais e não tem vigor, talvez nem sequer instrumentos para investir. Tudo que podem fazer são cortes aleatórios, os quais tem o efeito de exacerbar a recessão, em vez de mitigar seu impacto sobre os cidadãos¹⁰.

A crise deste século está vinculando a inflação, estagnação e recessão combinado ainda com simultânea aposta econômica no âmbito internacional, onde as crises dos países se interpõem¹¹. A liberalização das fronteiras, além de ter efeitos significativos para a liberdade e as comunicações pessoais, também abriu caminho para uma torrente de dificuldades econômicas¹². Bauman assim avalia o tempo da crise:

Uma característica especial desta crise é a duração. O tempo das “conjunturas” desfavoráveis, que podiam ser resolvidas num curto período já passou. Agora, as crises – tão vagas e generalizadas por envolverem uma parte grande do planeta – levam *éons* para reverter à direção. Elas progridem muito lentamente, em contraste com a velocidade na qual todas as demais atividades humanas na realidade contemporânea de fato se movem. Todo e qualquer prognóstico de solução é continuamente atualizado e, em seguida, adiado para outra data. Parece que nunca vai acabar.

INÍCIO DA CRISE MUNDIAL EM 2008

A crise que se iniciou em 2008 é decorrente de vários episódios relacionados. Segundo Thompson a crise pode ser de identidade ou de sistema.

O exemplo clássico da crise de sistema é o da superprodução na economia das empresas capitalistas produzem mais bens do que o mercado pode absorver, conduzindo a um colapso dos preços e uma queda brusca na economia com as receitas em declínio e muitas empresas encostadas na parede. Já a crise de identidade tem a ver com a quebra da integração

⁹ BAUMAN, Zygmunt. BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2016. Título original: Estate of crises. P 10.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2016. Título original: Estate of crises. P 10.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2016. Título original: Estate of crises. P 11.

¹² BAUMAN, Zygmunt. BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2016. Título original: Estate of crises. P 12.

social: surge quando membros da sociedade tomam a consciência de uma grande ruptura e sentem que a vida, ou a “identidade coletiva”, está de alguma forma ameaçada¹³.

O sistema econômico é o grande culpado das crises no sistema capitalista, pois ocorre uma assimetria entre capital e trabalho assalariado. O Estado se envolveu nessa relação regulando a economia e criando novas obrigações¹⁴. Outra causa para a crise foi o endividamento.

Os acontecimentos de 2007-08 compreendem-se melhor como parte de uma crise mais ampla do sistema financeiro, enraizando numa característica fundamental do capitalismo: a dívida. O capitalismo defende fundamentalmente da dívida no sentido do crédito – a promessa de pagamento – e do contínuo fornecimento de dinheiro, na forma de empréstimos a juros pelos bancos e outras instituições financeiras para financiar a produção e consumo¹⁵.

O Estado além de aumentar tributos começou a usar de empréstimos para financiar a sua atividade. Assim os credores tiveram de ser convencidos de que as receitas do Estado geradas pelos impostos seriam suficientes para cumprir o pagamento das dívidas e assim evitar a inadimplência¹⁶. Foram criadas agências que mensuram a capacidade de endividamento. Um exemplo é a Standart & Poors que classifica os países do AAA como com bom pagador e D descumpridor de suas obrigações. A partir de 2008 os países começaram a ter suas notas rebaixadas e os governos precisaram agir. Tiveram países que maquiaram suas contas para tomar mais dinheiro emprestado, como foi o caso da Grécia que pegou dinheiro em troca das futuras aterrisagens que aconteceriam no país.

As normas orçamentárias para a adesão ao Euro não foram estritamente cumpridas e o dinheiro barato e disponível para os Estados-membros tendeu a estimular mais empréstimos, à medida que credores ansiosos para

¹³ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch. P. 104

¹⁴ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch. P. 108

¹⁵ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch. P. 108

¹⁶ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch. P. 110

emprestar mais dinheiro encontravam países ávidos por conseguir empréstimos a taxas de juros mais baixas¹⁷.

E essas dívidas foram também contraídas por bancos particulares e para evitar o desmoronamento do sistema financeiro, os estados tiveram de pagar, mas há um preço elevado: em fins de 2009 o governo dos EUA tinha gasto pelo menos 3 trilhões de dólares, o governo do Reino Unido 850 bilhões de libras para salvar os bancos¹⁸. Estados e população gastando muito sem ter poder de endividamento criaram uma bolha. Para tentar se salvar os governos começaram a impor redução drástica de despesas públicas e aumento de impostos, pois os estados não tinham mais capacidade de contrair novas dívidas. Assim os estados tiveram de cortar serviços públicos, reduzir os salários e benefícios de funcionários públicos, vender os bens públicos, reestruturar instituições de saúde e educação direcionando mais custo aos particulares, aumentar impostos¹⁹, somente através destas medidas os estados poderiam se reerguer.

CAUSAS DA CRISE DO CAPITALISMO

Existem várias versões para o início da crise. A primeira é que o excesso de liquidez foi a fonte da crise: se emprestou muito dinheiro para pessoas ou estados, que não tinham a capacidade de endividamento para suportar essa dívida. Os keynesianos insistem no processo de esgotamento do crescimento como a causa²⁰. Existem ainda os que acreditam que o estado de bem estar social é o culpado. A raiz da crise atual é o fato de o modelo dominante de desenvolvimento em geral se ter baseado na obtenção sistemática de endividamento. É esse modelo de desenvolvimento global, baseado no endividamento sistemático, que se encontra atualmente em crise, viver com dinheiro que não existe ou

¹⁷ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*. P. 117.

¹⁸ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*. P. 116

¹⁹ THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*. P. 121

²⁰ WIEVIORKA, Michel. **Crise Financeira ou mutação social?** IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*. P. 136.

viver com dinheiro dos outros, essas são as causas da crise que vivemos²¹. Se continuarmos a viver no estado que iniciou a crise de 2008, onde as pessoas só aumentam suas dívidas, ficaremos sempre vivendo de ciclos. Para isso devemos buscar novas alternativas.

O DECRESCIMENTO COM SAÍDA DA CRISE

O sistema que vivemos no ocidente é o capitalista, onde devemos acumular e consumir, mesmo que para isso cada vez mais nos endividemos. Diante desse sistema o mundo enfrenta cada vez mais crises. Poucas pessoas entendem que se pode crescer infinitamente num mundo que é finito²².

Acima de tudo, a sociedade de crescimento não é desejável por pelo menos três motivos: ela produz um aumento das desigualdades e injustiças ela cria um bem-estar amplamente ilusório; ela não suscita, mesmo para os que mais se beneficiam uma sociedade amigável e sim uma antissociedade que padece de riqueza²³.

A sociedade líquido-moderna é "uma sociedade de consumo". Uma sociedade na qual cada coisa, bens ou pessoas são tratados como objetos de consumo e, portanto, como qualquer coisa que perde utilidade, atração e valor, muito rapidamente. Assim, a sociedade líquida é uma sociedade móvel, não permanente, precária, na qual tudo aquilo que tem valor se transforma rapidamente no seu contrário, seres humanos inclusive²⁴. Com o fim das altas taxas de crescimento (e o encolhimento das taxas de lucro do capital), os governos enfrentaram forte contestação social. Recorreram sucessivamente a três

²¹ HIMANEN, Pekka. **Crise, identidade e Estado de bem estar social**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch. P. 235

²² LÉNA, Philippe; **Os limites do crescimento econômico e a busca pela sustentabilidade: uma introdução ao debate**. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P.

²³ LATOUCHE, SERGE. O decrescimento. **Por que e como?** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 48

²⁴ BONAIUTI, Mauro. **A caminho da grande transição**. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 92

soluções: a inflação, a dívida pública, a dívida privada. Como já descrito no texto essas alternativas sempre levam a crise. O que podemos fazer para mudar isso?

A solução para os problemas do presente não seria somente econômica, e sim também cultural, requerendo um "retorno às origens", à "identidade natural que expressa os valores de harmonia e equilíbrio na comunidade". O colapso do capitalismo moderno seria desastroso para os habitantes de Los Angeles ou Frankfurt, mas não mudaria muito a vida de boa parte da humanidade (ou até a tornaria menos difícil)²⁵. Uma ideia é o decrescimento. Todos os pensadores do decrescimento (em particular Serge Latouche) sempre fizeram questão de dizer que o decrescimento não é o contrário do crescimento, mas sim uma profunda mudança de valores que alguns chamam de mudança da civilização. Segundo Sergio Latouche:

O termo "decrescimento" é de uso muito recente no debate econômico e social. A palavra não constava em nenhum dicionário francês de ciências sociais até 2006, embora fosse possível encontrar algumas entradas para seus correlatos: "crescimento zero", "desenvolvimento sustentável" e, claro, "estado estacionário". Todo caso, não é o oposto simétrico do crescimento. É um slogan político provocador que visa, principalmente, enfatizar a importância de abandonar o objetivo de crescimento pelo crescimento, objetivo desprovido de sentido cujas consequências são desastrosas para o meio ambiente. Em particular, o decrescimento não é o crescimento negativo, expressão antinômica e absurda que bem expressa o domínio exercido pelo imaginário do crescimento.

Para Latouche²⁶ devemos tomar 10 medidas que são:

- 1) Voltar a uma pegada ecológica sustentável.
- 2) Reduzir os transportes, internalizando os custos por meio de impostos ambientais adequados.
- 3) Relocalizar as atividades.
- 4) Restaurar a agricultura camponesa.
- 5) Redistribuir ganhos de produtividade na forma de redução do tempo, de trabalho e de geração de emprego.
- 6) Relançar a "produção" de bens relacionais.
- 7) Reduzir o desperdício de energia, dividindo-o por quatro.
- 8) Restringir amplamente o espaço publicitário.

²⁵ GARCIA, Ernest. **Decrescimento e bem viver: algumas linhas para um debate adequado**. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 211

²⁶ LATOUCHE, SERGE. **O decrescimento. Por que e como?** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 52

- 9) Reorientar a pesquisa técnico-científica.
- 10) Reapropriar-se do dinheiro.

Essa ideia de decrescimento vem surgindo em países ricos, principalmente em grupos da sociedade civil organizada advindos das universidades. Esses grupos entendem que do jeito que está não será mais possível viver, pois tudo que fazemos é mensurado pelo PIB (produto interno bruto). Esse entendimento se intensificou durante a primeira década do século XXI, quando se percebeu que os limites naturais do crescimento já foram excedidos, que a capacidade do planeta já fora excedida ou que isto já está tão próximo, que já é impossível evitar o transbordamento²⁷.

O crescimento do PIB anda junto com uma pressão crescente sobre a biodiversidade, mudanças climáticas e destruição dos recursos que permitem aos homens sobreviver em áreas localizadas fora do eixo do mercado. Ou seja, o consumismo excessivo das pessoas de classe alta e média não é apenas uma ameaça para outras espécies e gerações futuras de seres humanos. Tal comportamento já está privando os pobres do acesso a uma divisão justa dos recursos e do espaço ambiental²⁸.

A tese para que o decrescimento venha a ter mais força é que o sistema capitalista, cujas instituições, apesar de sujeita a continua transformações, e que tem como base no crescimento econômico contínuo, está se demonstrando incompatível com a manutenção dos equilíbrios ecológicos e sociais. Vale lembrar que este sistema está em crise como exposto nos capítulos anteriores. Outra questão abordada no decrescimento é o uso da natureza. Clovis Cavalcanti assim o descreve:

O desenvolvimento, para ser sustentável, deve usar os recursos renováveis ritmo inferior ao da sua reprodução; e os não renováveis, procurando investir os rendimentos deles obtidos para o desenvolvimento científico e tecnológico sentido de encontrar substitutos renováveis para os recursos

²⁷ GARCIA, Ernest. **Decrescimento e bem viver: algumas linhas para um debate adequado**. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 204

²⁸ MARTÍNEZ-ALIER, Joan. **Justiça Ambiental e decrescimento econômico: a aliança dos dois movimentos**. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 66

renováveis. No fundo, trata-se de minimizar o uso da natureza, com obtenção do máximo bem-estar social"²⁹.

O processo econômico para a economia ecológica é a transformação de recursos em um estoque de bens capazes de prestar serviços, para satisfazer necessidades. Diante desse fato além de se pensar em decrescimento, devemos também abordar o tema pegada ecológica. Esse indicador transforma em um número único (expresso em hectares globais) tanto a alimentação, as fibras, a madeira, utilizadas por cada habitante de um dado país, quanto às áreas construídas (edifícios e estradas) e a superfície de floresta que seria necessária para absorver o dióxido de carbono produzido na queima de combustíveis fósseis³⁰. Um exemplo de pegada ecológica errônea é o Estados Unidos onde é cinco vezes superior à disponibilidade média global. Os valores dos países europeus são até agora 3 vezes superiores à disponibilidade média e a China tem uma pegada ecológica *per capita* seis vezes inferior à americana³¹.

Os cálculos da pegada ecológica mundial, que indicam que o uso humano dos recursos naturais superou a capacidade regenerativa da biosfera desde 1985, consumindo-a desde então sem parar; indicam que alcançamos, em 2007, cerca de 50% acima daquilo que seria um nível sustentável³². Para se ter uma melhor pegada ecológica o desejável seria processo de descentralização política e econômica também deveria vir acompanhado de um "êxodo urbano", capaz de permitir uma qualidade de vida máxima e urna pegada ecológica mínima no meio rural, que seria *loeus* de vida para uma parte muito maior da população. Serge Latouche diz que "o outro mundo possível" só pode ser alcançado "descolonizando nosso imaginário" dos significados econômicos e desenvolvimentistas, que lá se encontram.

²⁹ CAVALCANTI, Clóvis. **Só existe desenvolvimento sustentável: a economia como parte da natureza.** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.* Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 185.

³⁰ LATOUCHE, SERGE. **O decrescimento. Por que e como?** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.* Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 67

³¹ BONAIUTI, Mauro. **A caminho da grande transição.** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.* Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 87

³² GARCIA, Ernest. **Decrescimento e bem viver: algumas linhas para um debate adequado.** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.* Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P. 206

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Bauman, vivemos hoje num mundo aonde a crise econômica vem predominando. Os países saem de uma crise e entram em outra. E essas crises são reflexo do sistema vigente, o capitalismo. Na sociedade capitalista as pessoas vêm tomando cada vez mais empréstimos sem ter lastro para paga-los, e com isso tanto Estado quanto as pessoas sofrem com essa falta de pagamento. Uma alternativa para sair dessas crises contínuas seria repensar o sistema financeiro. Serge Latouche vem estão nos mostrar a possibilidade de se pensar em decrescimento. Esse decrescimento não significa parar de crescer, mas sim uma nova alternativa. Devemos pensar que o mundo que vivemos é finito, e diante disso o decrescimento vem a pensar o mundo desta forma. Com o decrescimento passamos a pagar para utilizar os bens finitos e não apenas consumindo-os como vem sendo no sistema capitalista através da pegada ecológica, que seria mensurar os bens consumidos e cobrar por isso. Diante do exposto fica cristalino que o mundo que vivemos está em crise, e devemos buscar alternativas passar sair desses ciclos de crise, sendo então o decrescimento e a pegada ecológica formas de se pensar um novo sistema econômico.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund. BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2016. Título original: Estate of crises

BONAIUTI, Mauro. A caminho da grande transição. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro, Garamond: 2012.

CAVALCANTI, Clóvis. **Só existe desenvolvimento sustentável: a economia como parte da natureza**. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro, Garamond: 2012.

GARCIA, Ernest. Decrescimento e bem viver: algumas linhas para um debate adequado. IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). **Enfrentando os**

limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012. P

HIMANEN, Pekka. **Crise, identidade e Estado de bem estar social.** IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch.

LATOCHE, SERGE. O decrescimento. **Por que e como?** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012.

LÉNA, Philippe; **Os limites do crescimento econômico e a busca pela sustentabilidade: uma introdução ao debate.** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012.

MARTÍNEZ-ALIER, Joan. **Justiça Ambiental e decrescimento econômico: a aliança dos dois movimentos.** IN: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Ellimar Pinheiro do. (Orgs). Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. Rio de Janeiro, Garamond: 2012.

PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica:** Teoria e Prática. 12 ed. rev. São Paulo: Conceito Editorial, 2011.

THOMPSON, John B. **A metamorfose de uma crise.** IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch

WIEVIORKA, Michel. Crise Financeira ou mutação social? IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). Después de la crisis. Traducción Dimitri Fernández Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: The Aftermarch.

WILLIAMS, Rosalind. **O apocalipse incessante da história contemporânea**. IN: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João, CARDOSO, Gustavo (eds.). *Después de la crisis*. Traducción Dimitri Fernámdez Bobrovski. Madrid: Alianza Editorial, 2013. Título Original: *The Aftermarch*.